

O INÍCIO DA REFLEXÃO DO CONHECIMENTO SOBRE SI MESMO NA ÍNDIA ANTIGA

*Octavio da Cunha Botelho**

RESUMO

Este artigo visa apontar o começo do pensamento crítico na Antigüidade indiana, ou seja, entre os séculos IV a.C. e V d.C., representado pela antiga palavra sânscrita *Anvikshiki*, bem como seu provável papel epistemológico na formação dos Sistemas de Pensamento Indiano (Darshanas). Ademais, analisar seu significado etimológico, fontes literárias, dificuldades históricas, receptividade nos círculos indianos e, sobretudo, sua contribuição epistemológica para a formação e o desenvolvimento da exegese indiana. O estudo endereça-se especialmente a historiadores interessados em pesquisas filosóficas além do eixo grego-europeu.

Palavra-chave: Anvikshiki, Indologia, Epistemologia Indiana

ABSTRACT

This paper aims at pointing out the beginnings of critic thought in Indian Antiquity, id est, between century IV B.C. and century V A.D., meant by the ancient Sanskrit word *Anvikshiki*, as well as its likely epistemological role on foundation of Indian Systems of Thought (Darshanas). Also, to analyze its etymological meaning, literary sources, historical difficulties, reception in Indian circles and above all, its initial epistemological contribution to foundation and development of Indian exegesis. The study is interesting especially

* Especialista em Ética e Filosofia Política pela Faculdade de Artes, Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal de Uberlândia.

for historians concerned with in philosophical researches beyond the greek-european axle.

Key-words: Anvikshiki, Indology, Indian Epistemology.

À primeira vista, a leitura do título deste estudo leva, naturalmente, a se pensar que o mesmo trata de uma exposição sobre Autoconhecimento, sobretudo, pelo conhecido fato de se reconhecer que esta área do conhecimento foi desenvolvida pelos indianos e que representa, por assim dizer, uma das principais contribuições culturais deste povo. No entanto, surpreendentemente, este tema não será tratado aqui. Ocupado com um outro assunto, este estudo pretende, desde logo, apontar as mais antigas referências à noção de *reflexão do conhecimento sobre ele mesmo*, ou seja, a *reflexão do intelecto sobre o próprio conhecimento*. Enfim, o começo da crítica do conhecimento na Antigüidade indiana, que pode estar por trás do movimento epistemológico que inspirou a formação dos Sistemas de Pensamento Indiano (Darshanas).

Apesar da crescente proliferação de estudos e livros publicados com os títulos de “Filosofia Indiana”, “Filosofia Budista”, “Filosofia Hindu”, “Filosofia Shivaista”, e outros mais, tanto por autores indianos como por autores ocidentais, um fato permanece incontestável para os indólogos (filólogos) mais escrupulosos: a palavra filosofia não tem uma equivalente no vocabulário sânscrito que corresponda ao preciso conceito grego-europeu de filosofia. Portanto, toda vez que a palavra filosofia é utilizada para designar uma linha de especulação ou o conjunto das especulações indianas, trata-se, quando muito, de uma adaptação ou de uma aproximação conceitual. Porém, quanto às linhas específicas de especulação tais como Ontologia (Brahma Vidya), Cosmologia (Tattwa Vidya e Vaisheshika Shastra), Epistemologia (Pramana Vada), Dialética (Tarka Vidya), Lógica Formal (Nyaya Shastra), Demonstração (Hetu Vidya) e outras, é razoável considerar que, em vista da volumosa publicação de textos e estudos já disponível, os conceitos desenvolvidos pelos indianos nestas áreas de especulação, em linhas gerais, se aproximam aos da filosofia européia, contemporânea-

mente, pelo menos, até o crepúsculo da Idade Média. Entretanto, a rigor, o que os indianos nunca tiveram foi uma designação geral para o conjunto de suas especulações, reflexões e demonstrações teóricas, designação geral esta que os gregos batizaram de filosofia.

A princípio, pode ser sugerido que a palavra sânscrita Vidya, traduzida geralmente como ciência, conhecimento, sabedoria ou meditação, cubra esta designação geral. Apesar da abrangente aplicação desta palavra para designar diferentes formas de conhecimento e distintas metodologias de pesquisa, sendo igualmente aplicada tanto para o conhecimento especulativo, como para o místico, ou para o religioso, ou para o ético, ou até mesmo para as artes; não é conveniente que seja identificada com filosofia, à maneira que os gregos entendiam o significado desta última palavra. Outra palavra sânscrita eventualmente traduzida como filosofia é Darshana que, literalmente significa visão, ponto de vista. Provém da raiz verbal 'Drsh', que significa 'ver'. Porém, a tradução mais utilizada é "Sistema Filosófico" ou "Escola". Apesar dos persuasivos esforços de S. Radhakrishnan em aproximar o conceito de Darshana ao conceito de filosofia,¹ é mais exato considerar que Darshana corresponde ao que se denomina como *visão de mundo* (worldview) ou como *doutrina*.² Ademais, o presente estudo busca encontrar as fontes mais antigas sobre a reflexão, enquanto que a palavra Darshana é uma referência mais tardia na literatura indiana.

Com efeito, as obras publicadas até hoje com os nomes de filosofias acima mencionadas são, a rigor, resultados de um trabalho de estudiosos (filólogos) ocidentais, a partir do século XIX, que destacaram, em meio à volumosa literatura indiana, os materiais que mais se aproximavam ao que geralmente se reconhece, na tradição européia, como temas filosóficos. Pois, não existe sequer uma única obra exclusivamente filosófica, segundo a concepção grego-européia, em toda a literatura clássica da Índia. Mesmo as obras consideradas, por alguns intérpretes, como mais "filosóficas", estão intercaladas por assuntos mitológicos, religiosos, psicológicos,

¹ *Indian Philosophy*, vol. I, p. 43-4.

² Dr. Maurice Winternitz traduz Darshana como "modo de ver as coisas" em *History of Indian Literature*, vol. III, p. 505.

místicos e ascéticos. Por isso, a extração temática foi necessária. Em suma, o que se costuma chamar de “filosofia indiana” é, estritamente falando, o resultado de um discriminante trabalho de “peneiração filosófica”, por autores contemporâneos, daquelas especulações, argumentações e discussões, dispersas na literatura indiana. Para facilitar a compreensão do leitor ocidental, termos técnicos em sânscrito foram traduzidos através da terminologia filosófica ocidental. De maneira que, Brahma Vidya foi traduzida como Ontologia, Darshana como Sistema Filosófico, Pramana Vada como Epistemologia e assim por diante. Uma maneira fácil de se perceber este processo de “peneiração intelectual”, acontece quando se compara o estudo sobre um pensador indiano, Shankara, por exemplo, tratado por um autor contemporâneo como S. Radhakrishnan, com a leitura das próprias obras originais deste intérprete vedantino. No primeiro caso, Shankara parece mais filosófico do que realmente é em seus escritos originais, enquanto que, no segundo caso, ele parece sobretudo mais religioso e dependente da autoridade das escrituras sagradas hindus.

Importa, antes de prosseguir com o presente estudo, observar que não existe, bem como nunca existiu, em todo o percurso histórico da filosofia grego-européia, uma concepção consensual e imutável de filosofia. É bem conhecido o fato de que a filosofia contemporânea é diferente da filosofia da época de Hegel, da época medieval, da Grécia Clássica, e muito mais ainda dos pré-socráticos. Sendo assim, o desenvolvimento das características da mentalidade filosófica no Ocidente, conforme a sua época, pode ora se aproximar, ou ora se distanciar, das características das especulações metafísicas e cosmológicas, das argumentações e demonstrações, bem como da Lógica (Nyaya) dos indianos em seus distintos momentos históricos.

Período histórico correspondente

Aqui não se pretende relatar e discutir o desenvolvimento da Metafísica, ou da Cosmologia, ou da Epistemologia ou da Lógica dos indianos em toda sua trajetória histórica, pois, para isso, seria necessário um estudo bem mais extenso, senão, apontar apenas

que, apesar de não se encontrar uma palavra correspondente ao preciso conceito geral de filosofia, os indianos, na antiguidade, não foram absolutamente ignorantes do conceito de reflexão sobre o próprio conhecimento; confirmando, de certa maneira, que os antigos indianos não estavam tão distantes da maneira como os gregos antigos refletiam.

É mister esclarecer que o período em questão, que cobre aproximadamente desde o Artha Shastra de Kautilya (séc. IV a.C.) até o comentário Nyayabhashya de Vatsyayana (séc. V d.C.), não representa, de maneira alguma, o início do pensamento especulativo na Índia. Este, sim, teve início alguns séculos antes. A datação do começo das especulações indianas é imprecisa, uma vez que os textos que registram estas investigações, os Upanixades,³ são reconhecidos, pelos especialistas, como coletâneas e compilações (ou até mesmo re-compilações) de resultados de especulações transmitidas por via oral, previamente, por um tempo impossível de se determinar com precisão. Supõe-se, apenas, que estas especulações podem ter emergido, talvez, nos séculos IX ou VIII a.C. Apesar de que, as primeiras indagações quanto à origem e natureza do universo já aparecem em alguns hinos do Rig Veda que antecedem ao século XII a.C.

Como é comum em outras tradições culturais, a especulação e a crença, obviamente, antecedem ao pensamento refletivo e crítico, uma vez que o último depende do desenvolvimento do primeiro. Ou seja, é necessário se ter alcançado um volume de conhecimento sobre o qual se possa refletir e criticar. Pois, reflexão surge da necessidade de se revisar os conceitos que, em alguns casos, é motivada pela dúvida relativa ao conhecimento existente.

Para tanto, será tratado em seguida do conceito transmitido por uma palavra sânscrita que, dentre outras, parece ser a que mais se

³ Textos que representam a parte especulativa dos Vedas. Atualmente, se reconhece a existência de mais de duzentos Upanixades, porém, apenas dez ou quatorze deles são considerados Upanixades Maiores (Principais). Alusões em certas obras apontam para a existência de mais de mil destes textos no passado, no entanto, muitos se perderam. Eles são o fundamento do Sistema (Darshana) que representa, na atualidade, a hegemonia do pensamento religioso hindu: o Vedanta.

aproxima ao conceito grego de filosofia da Antigüidade. Trata-se de uma palavra que só aparece em poucas obras do período antigo da literatura sânscrita: *Anvikshiki*.

O significado da palavra Anvikshiki

É geralmente traduzida como “Ciência da Investigação”.⁴ A etimologia e a definição de Anvikshiki são fornecidas no Nyaya Sutra Bhashya de autoria de Vatsyayana (séc. IV ou V d.C.) da seguinte maneira: “Inferência baseada na percepção (dos sentidos) e na revelação (das escrituras sagradas) é denominada Anviksha (re-visão), isto é, revisão (Anvikshana) do que tem sido visto (Ikshita) pela percepção e (ouvido) pela revelação. O sistema de conhecimento que procede por este método é Anvikshiki....”.⁵ Anvikshiki (ou Anvikshaki) vem da raiz verbal sânscrita Anviksh, que significa procurar, investigar ou refletir. Anvikshana é também traduzida como busca, investigação ou reflexão.⁶ Em outra passagem de seu comentário (Bhashya), Vatsyayana define Anvikshiki como “ciência da reflexão, crítica....”.⁷ Professor S. N. Dasgupta sugeriu a seguinte tradução para a definição de Anvikshiki por Vatsyayana: “a ciência do teste do conhecimento da percepção e das escrituras através de um exame mais aprofundado”, ou “examinar algo após ter sido conhecido pela percepção e pelas escrituras”.⁸ S. Radhakrishnan sugeriu uma outra definição: “Anvikshiki é o tratamento de uma maneira conscientemente crítica dos problemas fundamentais do espírito”.⁹

⁴ Dr. M. Winternitz traduz assim: “ciência da demonstração e investigação”. Para ele, Anvikshiki é a palavra sânscrita que mais aproximadamente expressa o significado de filosofia para as pessoas do Ocidente (*History of Indian Literature*, vol. III, p. 504).

⁵ Loc. cit. I. I. I.

⁶ V. S. Apte, *The Practical Sanskrit-English Dictionary*, p. 94.

⁷ Loc. cit. I. I. I.

⁸ *A History of Indian Philosophy*, vol. I, p. 277.

⁹ *Indian Philosophy*, vol. II, p. 32.

Além da etimologia, a morfologia da palavra Anvikshana proporciona, também, uma pista para se identificar este conceito de reflexão sobre o conhecimento. Anvikshana é a combinação do prefixo 'Anu' = depois, em seguida ou pós; com a palavra "Ikshana" = visão; portanto, literalmente: 'pós-visão', ou seja, uma segunda visão, re-visão e daí: reflexão.

Fontes literárias

As referências de Vatsyayana em seu comentário são, em parte, extraídas de um outro texto, bem mais antigo, o Artha Shastra¹⁰ de autoria de Kautilya¹¹ (séc. IV a.C.) que, tal como os estudos literários sugerem, faz a mais antiga referência a esta palavra na literatura sânscrita. Portanto, Anvikshiki é a mais antiga noção, na Índia, de uma ciência com base na reflexão (Anviksha) do conhecimento sobre si mesmo, algo parecido com o conceito grego de teoria e de crítica. Porém, importa observar que esta data (século IV a.C.) não representa a precisa data da fundação desta ciência, pois, é conhecido pelos estudiosos da história literária indiana que, a transposição de doutrinas e ensinamentos para a forma escrita, em muitos textos, foi precedida por um longo período de transmissão oral dos ensinamentos. De maneira que, é prudente supor que esta Ciência da Investigação já existia algum tempo antes desta data. No Artha Shastra, Anvikshiki é citada como uma das quatro Vidyas (Ciências), além de Trayi (Estudo dos três Vedas), Vartta (Ciência do Comércio - Economia) e Dandaniti (Ciência do Governo - Administração). Mais adiante, Anvikshiki é mencionada

¹⁰ Um texto sobre política e diplomacia. Além de outros fatores, o Artha Shastra é reconhecido, pelos historiadores, como um importante documento histórico da Antigüidade, uma vez que, a historicidade de Kautilya, seu autor, parece assegurada. Porém, alguns estudiosos admitem que a compilação do texto é um trabalho posterior (John Keay, *Índia: A History*, p. XX).

¹¹ Foi ministro da corte do rei Chandragupta, primeiro imperador da dinastia Maurya, que reinou entre 321-296 a.C. Kautilya em sua obra, entre outros temas, fornece um relato da lei e da administração do império Magadha, o primeiro império originalmente indiano.

como compreendendo o Samkhya, o Yoga e o Lakayata. Estas mesmas quatro Vidyas são também enumeradas no Manu Smriti (Leis de Manu):

“Daqueles versados nos três Vedas, que eles aprendam a Tríplice Ciência (Trayi), a Ciência do Governo (Dandaniti), a Ciência da Lógica e do Conhecimento do Eu (Anvikshiki Chatmavidyam),¹² do povo a Ciência do Comércio (Vartta)”.¹³

O Gautama Dharma Sutra prescreve um curso de Anvikshiki para reis (XI. 03). Porém, dentre todas as escassas e rápidas referências, é o comentário (Nyayabhashya – I. 1. 1) de Vatsyayana que é o menos breve, representando, portanto, a principal fonte para a noção de Anvikshiki.

Tradução de Anvikshiki

Alguns autores contemporâneos chegaram a traduzir a palavra Anvikshiki como filosofia.¹⁴ Porém, um pouco de cautela é necessária antes de se chegar à identificação destes dois termos. Antes de tudo, é preciso notar que, deste a Antigüidade até os dias

¹² Esta tradução é controversa. Alguns pensam que a expressão “Anvikshiki Chatmavidyam” deve ser entendida como uma referência a duas ciências (Vidyas) distintas: Anvikshiki (Lógica) e (cha) Atmavidya (Ciência do Eu) (tradução de G. Bühler – *Sacred Books of East*, vol. 25, p. 222). É uma questão de como interpretar a palavra sânscrita ‘cha’ que significa ‘e’. Já Vatsyayana, em seu comentário, identifica Anvikshiki com Nyaya Vidya (Ciência da Lógica): “Nyaya Vidya é esta quarta ciência Anvikshiki”, e mais adiante: “O sistema de conhecimento que procede por este método é Anvikshiki, Nyaya Vidya, Nyaya Shastra” (I. 1. 1). Arthur B. Keith traduz esta expressão assim: “a ciência do eu baseada na investigação” (*Indian Logic & Atomism*, p. 12).

¹³ *Loc. Cit.* VII.43.

¹⁴ Vide: S. Radhakrishnan, *Indian Philosophy*, vol. I, p. 23. Também, S. C. Vidyabushana, *A History of Indian Logic*, p. 05-6, e B. Barua, *Historia de la Filosofia India Prebudista*, p. 420.

de hoje, a “filosofia” indiana, em linhas gerais, nunca se despreendeu totalmente da submissão religiosa, apesar de, uma vez ou outra, exibir sinais de relativa autonomia. A dominação religiosa sempre foi tão acentuada que, a própria história da Lógica Indiana é dividida em Lógica Hindu, Lógica Budista e Lógica Jainista, correspondente as três grandes religiões da Índia.¹⁵ A confirmação disso pode ser encontrada nas linhas seguintes a definição de Anvikshiki no próprio comentário de Vatsyayana, através da seguinte afirmação: “Inferência que é contradita pela percepção (sensorial) e pela revelação (das escrituras) é pseudo-Nyaya, isto é, pseudo raciocínio”. Portanto, Anvikshiki era a ciência da reflexão (Anviksha) sobre a percepção e a revelação, porém, não podia contestar o conhecimento fornecido por ambas. Sendo assim, parece haver aí uma contradição em dois pontos: que o conhecimento obtido pela percepção dos sentidos representa um conhecimento completo e perfeito, o que é anti-especulativo; e que o conhecimento das escrituras sagradas é incontestável, o que é anti-filosófico. Estando, desta forma, envolta nestas limitações, Anvikshiki (Ciência da Investigação) não pode ser diretamente, e tão facilmente, identificada com o conceito grego de filosofia, que se desenvolveu em um ambiente de maior liberdade especulativa e refletiva. Também, por outro lado, não é verdade afirmar que a especulação e a reflexão não tiveram, na Índia antiga, seus raros momentos de ousadia. Estes atrevimentos foram, às vezes, tão provocativos que chegaram a acionar a revolta dos hindus ortodoxos, tal como será visto mais adiante.

Origem e desenvolvimento

Uma história detalhada desta antiga Ciência da Investigação é algo difícil de ser elaborada com confiabilidade, em vista da escassez de material informativo remanescente e, o pouco disponível, envolvido em historicidade e datação duvidosas. No entanto, não faltou quem se dispusesse a empreender tal tarefa. O estudo histórico

¹⁵ Vide: S. C. Vidyabhushana, *A History of Indian Logic*.

mais extenso foi o elaborado pelo Dr. S. C. Vidyabhushana nas primeiras páginas da sua monumental obra "*A History of Indian Logic*" (p.1-39). Apesar da dubiedade, não deixa de ser proveitoso aqui, apontar as sugestões do referido autor que, pelo menos, aproximam à plausibilidade.

Com base no escasso material disponível, é possível, no máximo, acreditar que Anvikshiki foi, na Antigüidade indiana, uma ciência genérica e secular dirigida para a investigação de diferentes assuntos, através de métodos independentes da sanção religiosa ortodoxa, bem como, a demonstração do conhecimento alcançado. Essa ciência, a partir de certo momento, se desmembrou em distintas áreas particulares do conhecimento tais como: Yoga, psicologia Samkhya, Materialismo (Lokayata), Lógica (Nyaya), Debates e Metafísica (Atma Vidya). Porém, exceto o sistema Nyaya (Lógica), nenhum outro se refere a Anvikshiki como fonte intelectual de seu sistema. Portanto, é apenas na literatura Nyaya que Anvikshiki é mencionada como uma modalidade de proto-lógica. Dr. Vidyabhushana afirma com convicção - o que devemos aceitar apenas como conjectura - que Anvikshiki foi, no passado, uma Ciência da Investigação que envolvia a Ciência do Eu (Atmavidya) e a Ciência do Raciocínio (Nyaya). A partir de 650 a.C., ela bifurcou-se em Filosofia e em lógica e passou a se chamar Darshana Nyaya. O que motivou a bifurcação foi a introdução do silogismo (Avayava) que fez com que Anvikshiki passasse a se chamar Nyaya ou "Anvikshiki por excelência". Porém, estas afirmações são mais conjecturais do que fundadas em dados históricos devidamente confirmados e, por conseguinte, não têm a aceitação dos principais historiadores.

Com efeito, as menções a Anvikshiki são vagas e escassas, não sendo possível, com segurança, fazer uma idéia detalhada da natureza e das características desta antiga ciência. Ademais, a sua alusão como Ciência do Eu (Atmavidya) não é confirmada nos mais antigos textos especializados neste assunto, sobretudo nos Upanixades. Professor S. N. Dasgupta desconfia do seguinte:

"O fato que Kautilya não estava satisfeito em considerar Anvikshiki como uma das quatro Vidyas (ciências), mas também apontá-la como uma das filosofias lado a lado

com a Samkhya, parece conduzir à suposição que, provavelmente, na época de Kautilya, Nyaya (Anvikshiki por excelência) era composta de dois ramos, um como Adhyatma vidya (Ciência do Eu), e um outro como Ciência da Lógica (Nyaya vidya), melhor dizendo, do Debate. Esta combinação é, no entanto, artificial e externa, e não é improvável que a parte metafísica (Adhyatma vidya) foi acrescentada para aumentar a popularidade da parte lógica que, por si mesma, não poderia atrair a atenção suficiente”.¹⁶

De certo modo, como sugere o Dr. Vidyabhushana, é crível que a ciência de Anvikshiki tenha se originado nas antigas reuniões de debate (Parishads, Samsads, Samitis) mencionadas nos Upanixades, no Manu Smriti, nos Puranas e no Mahabharata. Pois, alguns termos técnicos que, posteriormente, aparecerão sistematizados nas Regras do Procedimento do Debate (Tantra Yukti) do sistema de Lógica Indiana tais como: Tarka (Argumentação), Vada (Discussão), Jalpa (Disputa), Chala (Sofisma), Anumana (Inferência), Vitanda (Cavilação) e Nirnaya (Averiguação), já aparecem aqui e ali nestes textos antigos.

S. Radhakrishnan acredita que “quando Gautama (o fundador da Lógica Indiana) expôs o lado lógico mais minuciosamente que outros pensadores, sua concepção foi identificada com Anvikshiki. Assim, um termo (Anvikshiki) que foi usado por muito tempo no sentido geral de filosofia (investigação) sistemática adquiriu um significado mais estreito”.¹⁷ Em outras palavras, a maior semelhança entre Anvikshiki e as teorias lógicas de Gautama, fizeram com que, com o tempo, Anvikshiki fosse identificada com Nyaya vidya (Ciência da Lógica), enquanto que outras correntes, por sua vez, se aprofundavam em outras modalidades de investigação ou de religiosidade, divorciadas da racionalidade, tais como misticismo, ascetismo, ritualismo, metafísica dogmática, teologia, etc. Esta pode ser a razão pela qual Dr. Vidyabhushana denominou Nyaya vidya como “Anvikshiki por excelência”, e na época de Vatsyayana (séc.

¹⁶ *A History of Indian Philosophy*, vol. I, p. 278.

¹⁷ *Indian Philosophy*, vol. II, p. 33.

V. d.C.), Nyaya (Lógica) já estava identificada com Anvikshiki: “Nyaya vidya é esta quarta ciência de Anvikshiki”.¹⁸

Enfim, o que é mais provável é que Anvikshiki foi, no passado, uma proto-ciência genérica, para uso secular, que serviu de inspiração racional e científica para a sistematização de diferentes áreas do conhecimento em que, dentre todas, a que fez mais proveito foi a Lógica Indiana. A prova mais clara disto é a explícita menção de Anvikshiki como sinônima de Nyaya Vidya (Ciência da Lógica) em alguns textos da literatura exegética Nyaya e de outros sistemas.

A receptividade

Em vista da sua natureza secular e racional, Anvikshiki, às vezes, sob a designação de Nyaya vidya (Ciência da Lógica), foi censurada em alguns círculos da ortodoxia hindu. O Manu Smriti, por exemplo, prescreve uma excomunhão: “Todo iniciado (Dwijia)¹⁹ que, confiando na ciência da lógica (Hetu Shastra), trata com desprezo as duas fontes da lei (os Vedas e os Dharma Shastras), deve ser expulso pelos virtuosos, como um ateu e um difamador dos Vedas”.²⁰ O Ramayana censura aquelas pessoas de intelecto perverso que se envolvem nas futilidades de Anvikshiki, desatento às obras sobre a Sagrada Lei (Dharma Shastra), que eles deveriam seguir como seu guia.²¹ No Mahabharata é relatada a estória de um brâmane arrependido que, apegado a Tarka vidya (Lógica), realizou debates divorciados de toda a fé nos Vedas e foi, em virtude

¹⁸ *Nyayabhashya*, I. 1. 1. As outras três ciências (Vidyas) são: Trayi (os três Vedas – Ríg, Yajur e Sama), Varta (Ciência do Comércio) e Dandaniti (Ciência da Política e da Administração).

¹⁹ Dwija significa literalmente “duas vezes nascido”. É que a iniciação, para a tradição hindu, significa um segundo nascimento, portanto, um iniciado é um “duas vezes nascido”. Quanto às iniciações mais avançadas, costuma-se atribuir um novo nome ao iniciado. De maneira que, os nomes de célebres yoguis do século XX tais como Swami Vivekananda, Swami Shivananda, Sri Yogananda Paramahansa e outros, não representam os seus nomes de batismo, senão os nomes iniciáticos.

²⁰ Loc. cit. II. 11.

²¹ Ayodhya Kanda, Sarga 100.

disto, transformado em um chagal na próxima encarnação como uma punição”.²² Numa outra passagem desta mesma obra, os seguidores da filosofia Vedanta são advertidos para não comunicarem suas doutrinas a um lógico (Tarkika). E no Naishadhacharita, o fundador do sistema da Lógica (Nyaya), Gotama, é satirizado como o mais bovino dos sábios.²³

Por outro lado, Anvikshiki é elogiada e estimulada em outros círculos. Assim, o Gautama Dharmasutra sugere um curso de treinamento em Anvikshiki para o rei que deve ser “plenamente instruído na tríplice ciência sagrada (Trayi – os três Vedas) e na Ciência da Investigação (Anvikshiki)”.²⁴ Já o Manu Smriti, que noutra passagem censurou, agora recomenda a presença de um Haitu²⁵ (lógico) na composição de uma assembléia legal (Parishad): “Três pessoas que conheçam um dos três principais Vedas, um lógico (Haitu), um Mimansika,²⁶ um que conheça o Nirukta²⁷ (Nairukta), um que recite a sagrada lei, e três homens pertencentes as três primeiras castas,²⁸ devem constituir uma assembléia legal (Parishad), que consiste de pelo menos dez membros”.²⁹ Este texto também recomenda o estudo de Anvikshiki para um rei³⁰. Kautilya faz os seguintes elogios: “A ciência de Anvikshiki é a mais benéfica ao mundo, mantém a mente firme (tranqüila), tanto na prosperidade

²² Shanti Parva, Adhyaya 180.

²³ Canto XVII. A razão para esta sátira é que o nome Gotama provém da palavra sânscrita ‘Go’ que significa ‘vaca’, assim como os conhecidos epítetos de Sri Krishna, Govinda e Gopala (vaqueiro), com os quais tantos cantos devocionais foram compostos, alguns deles divulgados e popularizados no Ocidente através do Movimento Hare Krishna.

²⁴ Loc. cit. II. 3.

²⁵ O adjetivo Haitu vem da palavra sânscrita Hetu que significa argumentação, fundamentação. Portanto, Haitu significa aquela pessoa hábil na arte da argumentação.

²⁶ Um seguidor do sistema Mimansa que trata da interpretação ritualística e dos deveres prescritos nos textos védicos.

²⁷ Nirukta é o estudo da etimologia e do significado das palavras sânscritas. Portanto, um Nairukta é uma pessoa versada neste assunto.

²⁸ Os Brâmanes, os Kshatriyas e os Vaishyas.

²⁹ Loc. cit. XII. 111.

³⁰ Idem, VII. 43.

como na adversidade, e outorga excelência na previsão, na expressão (oral) e na ação. Anvikshiki é a luz de todas as espécies de conhecimento, o meio mais fácil de se cumprir todas as ações e o suporte de todos os deveres”.³¹ No Yagnavalkya Smriti, Nyaya (Lógica) é considerada como uma das quatorze principais ciências (Vidyas).³² E no Bhagavata Purana, o sábio Dattatreya, que é considerado como a sexta encarnação do deus Vishnu, é mencionado como um instrutor de Anvikshiki.³³

Assim, é razoável considerar que as passagens que emitem críticas e censuras a Anvikshiki ou a Nyaya, representam as avaliações mais antigas, enquanto que, as que proferem reconhecimento e elogios, correspondam ao período após o processo de homologação da Lógica pelas correntes ortodoxas do Hinduísmo. Atualmente, a Lógica Nyaya é reconhecida pela ortodoxia hindu como um dos Seis Sistemas Ortodoxos do Hinduísmo (Sad Darshanas), juntamente com o Sistema Vaisheshika, o Sistema Samkhya, o Sistema Yoga, o Sistema Mimansa e o Sistema Vedanta.

Anvikshiki: a fonte do conhecimento refletivo

Quando se afirma que Anvikshiki representava uma ciência da investigação, supõe-se que, da afirmação de Kautilya no Artha Shastra de que “Anvikshiki não é nada mais que um ramo especial dos Vedas”, e mais adiante: “Anvikshiki compreende a filosofia da Samkhya, Yoga e Lokayata (Materialismo)”,³⁴ juntamente com a afirmação de Vatsyayana no Nyayabhashya de que “Anvikshiki é a ciência da reflexão, crítica, que trata do ‘eu’, etc., atende as necessidades espirituais e ajuda a alcançar a Liberação (Moksha). Nyaya vidya é esta ciência de Anvikshiki. Se Nyaya não tratasse da dúvida e outras coisas como seus temas

³¹ *Artha Shastra* I. 2.

³² *Loc. cit.* I. 3.

³³ *Loc. cit.* I. 3. 11.

³⁴ *Loc. cit.* I. 1.

especiais, ela não seria diferenciada da ciência do 'eu' (Atma vidya) como os Upanixades",³⁵ Anvikshiki, como Ciência da Investigação, que combinava especulação e lógica, era levada a cabo movida por duas causas: a curiosidade e a dúvida. A primeira, a curiosidade, era representada pela especulação, ou seja, o anseio de descobrir e compreender fatos e verdades que suprissem as necessidades intelectuais e práticas. Esta linha de investigação poderia ser chamada de pesquisa pelo conhecimento de *primeira ordem*, que tinha, naquela época, como expoentes por excelência, os Upanixades. Após um certo volume de conhecimento ter sido alcançado, surgiram dúvidas quanto a sua confiabilidade. Daí uma segunda linha de investigação se iniciou movida pela dúvida sobre o conhecimento disponível. De maneira que sentiu-se a necessidade de se re-visar (Anviksh) ou refletir (Anvishana) sobre o montante de conceitos existentes na época. Esta passou a ser a investigação do conhecimento de *segunda ordem*, ou seja, a reflexão do conhecimento sobre si mesmo, que representou, por assim dizer, o aspecto lógico (Nyaya) de Anvikshiki. Isto é confirmado nas seguintes afirmações de Vatsyayana: "Nyaya (Lógica) não tem nenhuma utilidade onde o objeto não é percebido ou já está devidamente averiguado, mas somente quando o objeto é duvidoso. Em virtude disto, dúvida (Samshaya) na forma de 'o que pode ser isto', que é conhecimento indeterminado, consiste de mera primeira impressão de um objeto. A ordem de seqüência (do processo de raciocínio lógico ou refletivo) é: primeira impressão, dúvida, opiniões opostas, aplicação do raciocínio, determinação do objeto, confirmação e conhecimento da realidade".³⁶ Estas duas ordens de conhecimento (especulativo e refletivo) tiveram suas raízes, com toda certeza, no questionamento, uma vez que é possível questionar com base numa curiosidade ou numa dúvida.

³⁵ Loc. cit. I. I. 1.

³⁶ *Nyaya Bhashya*, I. I. 1.

Anvikshiki e a formação dos Darshanas

A afirmação do Dr. Vidyabhushana de que Anvikshiki foi substituída pela palavra Darshana, pelos expoentes das doutrinas indianas, a partir do primeiro século a.C., não foi acolhida com simpatia pelos estudiosos, em vista da falta de evidências para sustentá-la. Pois, nenhum dos Sistemas Indianos, exceto o Nyaya, reconhece a antecedência de suas doutrinas na ciência de Anvikshiki. No entanto, importa sublinhar que existe uma nítida diferença entre admitir que Anvikshiki foi substituída por Darshana, ou seja, este último foi literalmente uma continuação e um desenvolvimento daquela em todos os sentidos e, de forma diferente, reconhecer uma suposta influência de Anvikshiki na formação e no desenvolvimento do processo exegético dos Sistemas Indianos (Darshanas). Com efeito, esta influência não aconteceu na formação das concepções, dos princípios ou das doutrinas, senão na formação do método de exposição, de argumentação, de discussão e de demonstração do processo exegético. Aí reside uma grande diferença. Isto é evidenciado pelo fato de não se encontrar nenhuma outra ciência, exceto Anvikshiki, na Antiguidade indiana, que dispusesse dos ingredientes seminais necessários para a articulação de um processo exegético. Como Ciência da Investigação Sistemática, só Anvikshiki pode ser apontada como fonte de inspiração na formação dos Sistemas Indianos. Portanto, Anvikshiki, provavelmente, estava por trás do movimento intelectual que produziu os Darshanas (Sistemas), mas em sua metodologia exegética e não na inspiração ou na elaboração de suas doutrinas.

Quando o interesse pelo conhecimento refletivo aumentou nos círculos intelectuais indianos, inevitavelmente, o lado crítico da filosofia se tornou tão importante quanto o lado especulativo. Isto, por conseguinte, levou ao reconhecimento de que uma teoria crítica do conhecimento é a base necessária para qualquer especulação bem sucedida. Em terminologia filosófica, é o nascimento da Epistemologia na Índia. E Anvikshiki foi, portanto, a mais forte candidata a ser apontada como a responsável pela inspiração desta revolução intelectual.

Este novo panorama epistemológico levou, inicialmente, os

instrutores das diferentes correntes religiosas a reconhecerem que as doutrinas que pregavam, por sua vez, careciam de mais sustentação. Portanto, era necessário rever os métodos de exposição e de divulgação das doutrinas. Com isso, as correntes foram obrigadas a codificarem suas concepções e, em seguida, a elaborarem argumentos lógicos em sua defesa. Em parte, a análise e a crítica tomaram o lugar da religião e da poesia. Com isso, a especulação passou a ser fundamentada por Anvikshiki (reflexão).

Bem, resta agora esclarecer que este processo de articulação exegética, inspirado por Anvikshiki, não poderá ser compreendido, sem antes se explicar o conceito de Darshana. A palavra literalmente significa 'ponto de vista' ou 'visão'. A tradução mais empregada é 'Sistema de Pensamento' ou 'Escola'. No entanto, tecnicamente, representa um conceito bem mais amplo e complexo. Esta 'visão' pode ser o resultado de uma observação feita pelos sentidos, ou um conhecimento conceitual, ou mesmo uma experiência intuitiva. Ademais, uma inspeção de fatos, uma investigação lógica, um insight da alma, ou até mesmo uma experiência mística. Entretanto, em sua concepção mais técnica, a palavra Darshana é usada para indicar um sistema de pensamento adquirido através de experiência intuitiva e sustentado por argumentos lógicos. Ou seja, é a defesa dialética de uma visão intuitiva. Enfim, filosoficamente, Darshana é colocar a intuição à prova e propagá-la através da lógica. Lato sensu, se aplica a todas as concepções da realidade que a mente humana é capaz de conceber. Por conseguinte, a palavra Darshana é, às vezes, traduzida, em virtude de sua implicação abrangente, como *visão de mundo*, por autores contemporâneos. Porém, stricto sensu, para que este processo seja levado a cabo por completo, todo Darshana (Sistema), para que assim seja considerado, é obrigado a passar por quatro estágios de desenvolvimento. No primeiro estágio, inicialmente, um grande homem ou sábio de insight emite sua visão da realidade. Este estágio é denominado *inspiração original* e é representado literariamente por textos como os hinos Védicos, os Upanixades e outros Shrutis (textos inspirados). O segundo estágio consiste em definir, codificar e compilar as afirmações dos sábios em forma de aforismos (Sutras). Este segundo estágio pode ser chamado de *codificação ou compilação dos ensinamentos*. Há um terceiro

estágio em que se fazem necessárias a exposição, a explicação e a argumentação, através de comentários (Bhashyas) em prosa. Este estágio é denominado de *exposição*. Ainda um quarto estágio é alcançado quando as concepções se envolvem em polêmicas, em que críticas e refutações a outros pontos de vista são emitidos para o expoente fortalecer seu próprio ponto de vista. Neste estágio, os Sistemas se envolvem em discussões através de sub-comentários (Tikas, Varttikas). Este estágio é conhecido como *discussão*.

Como exemplo, será reproduzido abaixo um quadro relacionando cada um destes estágios com os textos correspondentes de um dos principais Darshanas (Sistemas), o Vedanta.

Estágio	Texto Vedantino
1 - Inspiração original.....	Upanixades
2 - Codificação.....	Brahma Sutras
3 - Exposição.....	Bhashyas (Comentários)
4 - Discussão.....	Tikas (Sub-comentários)

O último estágio, caracterizado pela polêmica, é prova de maturidade do sistema e, por isso, conclui seu processo de desenvolvimento exegético, embora a produção de sub-comentários na Índia nunca tivesse um fim.

Em linhas gerais, os Darshanas (Sistemas de Pensamento) representam o processo de transição de uma concepção rudimentar e embrionária para uma fundamentação articulada e amadurecida. E para que isto se realizasse, um prévio exame dos conceitos de suas próprias doutrinas, pelos expoentes, foi inevitável. Ou seja, foi necessária uma re-visão sobre o próprio conhecimento, e é neste momento que Anvikshiki (Reflexão) exerceu seu papel. Mais especificamente, é com relação aos terceiro e quarto estágios que a Ciência da Reflexão pode estar associada ao movimento que inspirou o nascimento dos Darshanas, sendo o impulso seguinte, em épocas subseqüentes, continuado pela sistematizada Lógica Indiana (hindu, budista e jainista).

Ao contrário da escassez de material informativo sobre Anvikshiki, a literatura exegética dos Darshanas é abundante a partir

do século V d.C., porém, o presente estudo não pretende tratar do pensamento indiano a partir desta data, para o qual seria necessário um espaço mais extenso.

Para concluir, o que é importante extrair disto é que a contribuição de Anvikshiki na formação dos Darshanas não foi, com efeito, em relação à concepção de princípios e de doutrinas, quer metafísicas, ontológicas ou éticas, senão no que diz respeito à introdução da racionalidade e da cientificidade no processo de fundamentação e argumentação, que resultou, com o impulso subsequente de outras escolas, numa exegese articulada e sistemática. De maneira que Anvikshiki forneceu, isso sim, no início, o *método refletivo* para a formação de um sistema de pensamento que, nos séculos seguintes, foi aperfeiçoado pelas diferentes correntes da Lógica Indiana.

Em suma, enquanto os Upanixades reuniram as mais antigas especulações de *primeira ordem*, tais como Ontologia, Cosmologia, Psicologia, Fisiologia, Mística e outras, as quais poderiam ser classificadas conjuntamente como *primeira geração especulativa* que, em seguida, foram aproveitadas e aperfeiçoadas pelos distintos Sistemas (Darshanas); Anvikshiki, por sua vez, pode ser apontada como a fonte de inspiração para a *segunda geração especulativa*, ou seja, a revisão e a reflexão sobre o conhecimento resultante das especulações de *primeira ordem* alcançadas na época, portanto, especulação de *segunda ordem*. Assim, Anvikshiki pode ter sido a fonte da Epistemologia indiana.

BIBLIOGRAFIA

APTE, V. S. *The Practical Sanskrit English Dictionary*. Delhi: Motilal Banarsidass, 1978, p.94.

BARUA, B. *Historia de la Filosofia India Prebudista*. Barcelona: Vision Libros, passim.

BOCHENSKI, I. M. *Historia de la Lógica Formal*. Madrid: Gredos, 1968, p. 431-63.

BUHLER, Georg (tr.). *The Laws of Manu*. (Sacred Books of the East, vol.25). Delhi: Motilal Banarsidass, 1993, p.222.

COWARD, Harold G. (ed.) *Studies in Indian Thought: Collected Papers of Prof. T. R. V. Murti*. Delhi: Motilal Banarsidass, 1996, p. 01-16.

DASGUPTA, S. N. *A History of Indian Philosophy*. Delhi: Motilal Banarsidass, 1975, vol. I, p. 67-8 e 277-9.

GOUGH, A. E. e E. B. Cowell (tr.). *Sarva-Darshana Samgraha of Madhavacharya: Review of the Different Systems of Hindu Philosophy*. Delhi: Motilal Banarsidass, 1996.

KEITH, Arthur B. *Indian Logic & Atomism*. New Delhi: Munshiram Manoharlal Publishers, 1977, p. 11-3.

MOORE, Charles A. and S. Radhakrishnan. *A Sourcebook in Indian Philosophy*. Princeton: Princeton University Press, 1989, p.197-8.

RADHAKRISHNAN, S. *Indian Philosophy*. Bombay: Blackie & Son Publishers, 1983, vol. I, p. 43-4 e vol. II, p. 17-9.

VIDYABHUSANA, Satish C. *A History of Indian Logic*. Delhi: Motilal Banarsidass, 1988, p. 01-39.

_____. *The Nyaya Sutras of Gotama*. Delhi: Motilal Banarsidass, 1990, p. 229-32.

WINTERNITZ, Maurice. *History of Indian Literature*. Delhi: Motilal Banarsidass, 1985, vol. III, p.504-5.